

CONCLUSÃO

A dissertação focalizou o processo de aquisição da linguagem no que concerne à aquisição de distinções aspectuais no PB. Especificamente, este trabalho procurou caracterizar como a criança identifica o traço formal de *perfectividade*. Além disso, propomo-nos a verificar se há interação entre a aquisição de *perfectividade* e *telicidade*.

Adotamos um modelo de língua baseado no PM (Chomsky, 1995), de acordo com o qual uma língua se constitui de um SC – universal – e de um léxico – composto por traços fonológicos, semânticos e formais, com parâmetros fixados. O SC opera sobre traços formais do léxico e, em função do PIP, traços formais não interpretáveis, que servem à computação lingüística, são eliminados no curso da mesma.

A identificação de traços formais por parte da criança apresenta-se, nesse contexto, como uma tarefa fundamental. Adotamos uma concepção de aquisição de linguagem, segundo a qual o que é tomado na língua como gramaticalmente relevante tem de estar expresso na interface fônica (Corrêa, 2006; 2007). De acordo com essa concepção, o início do processo de aquisição de uma língua começa com a identificação, por parte da criança, de padrões recorrentes, aos quais ela tenta atribuir valor gramatical. Uma vez que a criança tenha atribuído valor gramatical aos elementos de classes fechadas apresentados em posição fixa, o SC entra em operação (*bootstrapping* do SC a partir de elementos funcionais) (Corrêa, 2001; 2007). Num segundo momento, a criança passa a tentar interpretar semanticamente as distinções estabelecidas por esses elementos de classe fechada, assumindo-se que ela parte do pressuposto de que enunciados lingüísticos se referem a entidades e eventos no mundo.

No que diz respeito ao aspecto gramatical no PB, essa tarefa se inicia com a identificação, a partir da interface fônica, dos afixos relativos a *perfectividade* – os quais também codificam Tempo no português – como gramaticalmente

relevantes. Uma vez que os afixos foram identificados como gramaticalmente relevantes, as variações entre esses afixos são tomadas como marcas de distinções morfossintáticas. Pensemos, por exemplo, nos afixos de tempo passado **-ou** e **-va** de verbos da 1ª conjugação no português. A criança teria, em primeiro lugar, de reconhecê-los como gramaticalmente relevantes e tomá-los como marcas de distinções morfossintáticas. Em seguida, essas variações seriam semanticamente interpretadas (em função do PIP).

Os dados obtidos a partir da aplicação do experimento 1, apresentado no capítulo 5, parecem sustentar que as crianças em fase de aquisição são sensíveis aos afixos que codificam Tempo e Aspecto. Em função dessa sobreposição de Tempo e Aspecto, não é possível determinar, por meio desse experimento, o que estaria sendo codificado: se Tempo, se Aspecto, se ambos. Conforme vimos, muitos trabalhos propuseram que a codificação inicial do afixo diz respeito a aspecto, e, mais especificamente, a traços semânticos de raízes verbais (Bronckart & Sinclair (1973), Antinucci & Miller (1976) e Bloom, Lifter & Hafitz (1980)). A despeito de esses trabalhos defenderem que a criança não estaria cognitivamente apta para lidar com relações temporais, Harner (1981), Johnson & Fey (2006) e McShane & Whittaker (1988) sugerem que o emprego do afixo verbal estaria codificando Tempo desde cedo.

Um dos nossos objetivos foi desenvolver, por meio desse experimento, uma metodologia que fosse capaz de avaliar a percepção de informação proveniente tanto da interface fônica quanto da interface semântica. De acordo com nossas previsões, se a criança explorasse a interface semântica, o passado imperfeito, por ser menos comum na fala de crianças, provocaria reação mais acentuada; se, contrariamente, a criança estivesse mais atenta à informação proveniente da interface fônica, ela deveria dar mais atenção ao perfeito do que ao imperfeito pela mesma razão. Como os participantes, ao menos os mais velhos, apresentaram tempo de atenção superior aos estímulos-alvo na condição [+ perfeito], sugerimos que a interface fônica talvez tenha sido mais explorada do que a semântica.

O experimento 2 foi concebido para atender três dos nossos objetivos. O primeiro deles foi avaliar as habilidades de crianças de 3 e 5 anos, no que diz respeito à compreensão de distinções pertinentes a *perfectividade* e *telicidade* em sentenças complexas em que uma oração temporal é tomada como *frame* de

referência. De acordo com os dados obtidos, o aspecto imperfeito é mais difícil de ser compreendido do que o perfeito. Conforme discutimos anteriormente, parece que a tomada de um tempo de referência interno ao evento é cognitivamente mais custosa.

Os resultados desse mesmo experimento sugerem que aos 3 anos a codificação de *telicidade* não está bem estabelecida. Isso pode, por uma lado, nos levar a questionar propostas que defendem interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical, e, por outro, supor uma estratégia de aquisição na qual a criança assume que a interpretação do afixo verbal independe dos traços semânticos das raízes verbais.

Esse mesmo experimento também nos permitiu verificar se a ordem do *frame* de referência – oração temporal sucedendo ou precedendo a oração principal – afeta a compreensão de distinções gramaticais pertinentes a *perfectividade*. Conforme se observou, a ordem do *frame* de referência parece assumir grande importância, principalmente para as crianças mais novas. Em função do padrão de erro observado nas respostas dadas, podemos supor que as crianças, principalmente as de 3 anos, seguem uma estratégia ligada à ordem em que os eventos são apresentados no fluxo da fala. Diante disso, a posição do *frame* de referência pode ter facilitado ou dificultado a compreensão, como se viu na discussão do experimento em questão.

Um estudo de aquisição de aspecto deve, contudo, tratar de inúmeras outras questões que não foram aqui contempladas. Não nos dedicamos, por exemplo, ao estudo de distinções relativas a *progressividade*, o que pode ser de grande valor como desmembramento do trabalho aqui apresentado, na medida em que, no aspecto progressivo, não há sobreposição de Tempo e Aspecto sendo codificados no mesmo afixo. Um estudo complementar dedicado a distinções gramaticais dessa natureza poderia nos auxiliar na discussão do que é codificado inicialmente pela criança. Além disso, o estudo dos outros traços semânticos ligados a raízes verbais – *pontualidade* e *estatividade* – poderia nos auxiliar para a construção de um quadro mais amplo quanto às possibilidades de interação entre aspecto gramatical e aspecto lexical. De maneira mais geral, o estudo de Aspecto pode colaborar para a discussão de questões que envolvem habilidades cognitivas que podem estar relacionadas com língua, como parece ser o caso de *ponto de vista*.